

(RE)PENSAR A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ESCOLA

Bárbara Figueiredo
Teresa Sarmento

Resumo

Nas últimas décadas têm-se desenvolvido importantes pesquisas sobre a família e a escola que mostram que quando há continuidade e/ou aceitação das diferenças entre o mundo escolar e o mundo familiar, o processo ensino-aprendizagem ocorre com maior facilidade, e o sucesso escolar é mais seguro. Estando o aluno constantemente a assimilar conhecimentos, a experiência directa que desenvolve com as pessoas e com o ambiente que o rodeiam tornam-se fontes de informação imprescindíveis. As crianças estão sujeitas a vários contextos, logo, uma relação mais estreita entre a escola e a família, poderá contribuir para uma educação mais sustentada.

Verificamos, no entanto, que existem enormes dificuldades de comunicação, de relacionamento e principalmente de desenvolvimento de estratégias de cooperação entre a escola e a família. A realização de um estudo de caso mostrou-nos também que as representações das crianças, dos professores e dos pais sobre a pertinência e a efectividade dessa relação diferem entre si, realçando-se o interesse manifesto pelas primeiras em que as práticas de relação se concretizem. A reflexão sobre este estudo leva-nos a considerar que cabe à escola a responsabilidade na aproximação e na abertura às famílias, promovendo medidas necessárias a um clima de satisfação, no sentido de uma participação mais efectiva.

Introdução

“Participar é comprometer-se com a escola. É opinar, colaborar, decidir, exigir, propor, trabalhar, informar e informar-se, pensar, lutar por uma escola melhor. Participar é viver a escola não como espectador, mas sim como protagonista.

A participação dos pais e das mães na escola exige a transparência informativa, a possibilidade de eleger livremente, a capacidade real de intervir nas decisões... Não bastam as estruturas formais. É necessário enchê-las de uma prática aberta, transparente e honesta.”

(Guerra, 2002, p.78, 79)

A sociedade vai evoluindo continuamente de uma forma muito dinâmica. Esta evolução influencia obrigatoriamente a acção educativa, e consequentemente a vida das famílias e a vida da escola. Verifica-se a existência de um conjunto de valores, mensagens, e acções que se mobilizam e se desenvolvem a partir das relações que se vão estabelecendo entre as várias instituições. Ao termos como ponto de referência a família e escola, verificamos que o acto educativo é da responsabilidade simultânea dos pais/encarregados de educação e dos professores.

Desde que nasce a criança vai recebendo formação/informação e vai interagindo constantemente com o meio que a rodeia. Espera-se que a família seja o primeiro contexto socializador da criança, no entanto, no tempo actual, a precocidade com que a criança entra numa instituição faz com que pouco se distinga qual o primeiro contexto socializador. De qualquer forma, em termos de direitos e de deveres, as famílias continuam a ter prioridade, o que aumenta a responsabilidade de estas e as instituições estabelecerem a interacção educativa.

É necessário, pois que a família e a escola, apesar das suas diferenças, percorram um caminho partilhado, pressupondo sempre uma estreita colaboração que se reflecta em acções conjuntas e coordenadas, assumindo-se cada um deles como parceiros no processo educativo.

Deste modo, a escola assumir-se-á como um vector de mudança e a inovação como um processo de construção e participação sociais. Uma inovação/processo que se tornam geradores de novas atitudes, hábitos, uma outra forma de viver a educação.

A escola não pode continuar a ser considerada apenas como uma instituição de instrução académica, esquecendo a diversidade social e cultural dos seus alunos.

A *escola de hoje* deve ser pensada e organizada de acordo com uma perspectiva que entrelaça *o saber, o saber fazer* e *o saber ser* num jogo de complementaridades que se constroem e se vinculam a uma prática participativa no âmbito da cidadania. Por conseguinte, subjacente a este espaço de diálogo, de comunicação e interacção de valores, não pode ser descurada a importância da participação dos pais/encarregados de educação enquanto pêndulo orientador de todo o processo educativo.

Nesta perspectiva, o *binómio família-escola* apresenta-se como um dos esteios de reflexão do presente trabalho, perscrutando, ao mesmo tempo, na diversa legislação existente sobre a participação dos pais/encarregados de educação na escola e nos diversos trabalhos publicados sobre o assunto.

Assim, através do presente trabalho intitulado “*(Re)pensar a participação dos pais na escola*”, pretendemos recolher informação acerca da opinião dos alunos e pais/encarregados de educação de uma Escola do distrito de Viseu no que respeita à participação dos mesmos na vida escolar dos seus filhos/educandos e, ainda, os factores condicionadores desta participação.

Consequentemente, a informação recolhida é fundamental para os docentes e órgãos de gestão, porque incide precisamente na necessidade de cada escola avaliar a participação dos Pais/Encarregados de Educação, partindo sempre da identificação dos seus pontos fortes e fracos para depois se implementar um plano de acção para a mudança.

Esperamos que este trabalho de pesquisa possa, de alguma forma, contribuir para a clarificação e desenvolvimento de *novas discussões, novas interrogações* que rodeiam a colaboração e

manutenção da relação entre a família e a escola, tendo em conta o sucesso das crianças e jovens.

A escola e a família são duas instituições que não se podem ignorar, pois podem prejudicar a obra educativa e a aprendizagem/desenvolvimento dos alunos. Estamos conscientes que só uma atitude de diálogo pode levar os pais/encarregados de educação à escola e assim estabelecer uma relação entre todos os intervenientes do processo educativo.

O conceito de família tradicional, na sociedade portuguesa, há muito que está ultrapassado por muitas outras formas de organização familiar: mães ou pais solteiros, casais que coabitam com filhos de anteriores uniões, entre outras composições.

As mudanças que vão ocorrendo na sociedade, principalmente no plano sócio-político-económico relacionadas com o processo de globalização vão interferir na estrutura familiar, provocando mudanças no seu padrão tradicional de organização.

A relação entre a escola e a família apresenta-se-nos, por isso, num contexto de complexidade derivado, sobretudo, da multiplicidade dos tempos sociais e parentais.

O afastamento da família relativamente à escola foi consequência de uma crescente institucionalização do ensino, bem como do tradicional centralismo da educação no nosso país. A tradição centralista da escola portuguesa criou hábitos e atitudes de passividade e o afastamento entre famílias e escolas.

A escola actual, uma escola de massas, onde se inserem crianças e jovens dos mais variados estratos económicos, sociais e culturais leva a um *jogo de forças* entre os poderes instituídos na escola e os restantes poderes da comunidade, factor que se esperaria que levasse à existência de uma maior participação dos pais nas escolas. No entanto, esta participação é inscrita numa dualidade de tensões e desconfianças por parte dos actores da comunidade escolar.

A relação escola-família, na maioria das vezes, é uma relação baseada numa comunicação deficitária e divergente que poderá provocar conflitos entre estas duas instituições. A maioria dos contactos faz-se por mensagens ocasionais dos directores de turma para os pais/encarregados de educação quando os seus educandos têm problemas na escola ou nas reuniões que se realizam no final de cada período para recolha das avaliações.

Na verdade continuam a existir barreiras, obstáculos a uma participação activa e eficaz dos pais/encarregados de educação.

Através do presente estudo procuramos que se faça uma reflexão no sentido de se compreender a razão da escassa participação dos pais na vida escolar dos seus filhos, bem como a tentativa de delinear algumas pistas para uma efectiva participação.

A Família e a Escola

“Quando os pais falam com os seus filhos sobre a escola, esperam que eles se saiam bem, ajudam-nos a fazer planos para a universidade, e certificam-se que as actividades extra-escola são construtivas; os seus filhos saem-se melhor na escola. Quando as escolas envolvem as famílias sob formas que estão ligadas à melhoria da aprendizagem, os alunos conseguem melhores ganhos. Quando as escolas constroem parcerias com famílias que respondem às suas preocupações e honram as suas contribuições, elas têm sucesso na manutenção de ligações que visam melhorar o desempenho dos alunos.”

(Henderson e Mapp, cit. in Stoer e Silva, 2005, p. 29)

Na sequência do tema definido, entendemos que seria útil e pertinente reflectir sobre o tema Família/Escola, duas instituições tão importantes, e que recentemente “surge com forte intensidade no panorama da educação no nosso país” (Sarmiento, T. e Marques, J., 2002, p.15). Durante as últimas décadas têm-se desenvolvido importantes pesquisas sobre a escola e a família, pois se os valores da escola forem abertos aos da família, se não houver rupturas culturais, o processo ensino-aprendizagem ocorre com maior facilidade, pois haverá um reconhecimento mútuo entre o mundo escolar e o mundo familiar, necessário e imprescindível para o sucesso escolar. Estando o aluno a assimilar conhecimentos constantemente, toda a informação que vai adquirindo é, concerteza, fruto da experiência directa que vai tendo com as pessoas e com o ambiente que o rodeia, tendo o próprio aluno um papel activo na transformação dessa vivência em conhecimento.

Qualquer pai/encarregado de educação participará tanto mais quanto mais identificado e integrado estiver com a escola dos seus filhos. É pois necessário motivar esses pais/encarregados de educação com vista a uma participação activa, criando dinâmicas criativas, garantindo o espaço de cada um.

Verificamos que a família é a primeira instituição responsável pela educação dos filhos, é através dela que as crianças iniciam a sua aprendizagem. A família constitui, por direito, o primeiro lugar de toda a educação e assegura, dessa forma, a ligação entre a parte afectiva e a parte cognitiva da criança, bem como a transmissão dos valores e das normas. Neste sentido “não restam dúvidas de que os pais são os primeiros educadores das crianças” (Marques, 2001, p. 12). Tempos atrás, era com os pais, com a família, que a criança, desde o seu nascimento, e através de uma evolução muito rápida, e de uma forma afectiva, aprendia todas as vivências necessárias ao seu desenvolvimento. Era aí que se aprendia os modos de enfrentar problemas de acordo com o grupo a que pertence, através das experiências e das tradições culturais do meio onde ela está inserida. A situação actual alterou-se, no entanto, a família continua a ser o *primeiro pilar* de segurança de qualquer criança. É através das relações familiares que a criança

se vai integrando na sociedade, sempre recorrendo a contextos naturais da sua vida. Apesar das alterações sofridas pelas famílias e pela organização social, ao longo dos tempos, elas continuam a ter uma função primordial no desenvolvimento da criança.

A par da família, temos presente que a escola também exerce um papel muito importante dentro da nossa sociedade. A escola não é apenas um local onde se transmitem conteúdos; é na escola que se transmitem os valores culturais, mantendo-os ao longo dos tempos, mas também trazendo sempre a *semente para mudanças* do mundo e da sociedade. Tal como a família, a escola também evoluiu e foi-se transformando ao longo dos anos. Esta transformação influencia “a formação dos jovens” (Montadon e Perrenoud, 2001, p. 16).

Parafraseando os mesmos autores (2001, p. 17), “As mudanças que marcaram estas duas instituições (...) transformaram o campo de intersecção da família e da escola, ou, melhor dito, a socialização da criança em desafio.” A escola e a família são duas instituições que se organizam formando um mosaico no qual não se observam os limites de influência de cada um deles na formação da criança, uma vez que estão em constante interacção.

Actualmente, é “reconhecido à família e à escola um papel essencial no sucesso educativo das crianças” (Magalhães, 2007, p. 21). É muito difícil separar a influência que “cada um tem para o desenvolvimento da criança” (Magalhães, 2007, p. 49).

Segundo a autora é muito difícil isolar estas duas instituições do ponto de vista das consequências que ambas têm no desenvolvimento da criança. É, pois, consensual o reconhecimento de que a escola e a família têm implicações directas no processo educativo, e consequentemente na luta por um maior sucesso nas aprendizagens dos alunos. Esta é uma responsabilidade de todos, sejam professores, pais/encarregados de educação, ou a comunidade em geral. Todos nós temos uma palavra a dizer, pois será o ponto de encontro na melhoria da educação no nosso país, tão desejada e tão querida na actualidade. O interesse face à relação das escolas com as famílias ultrapassa as preocupações do campo científico sendo, actualmente, um motivo de reflexão política como o demonstra o tema escolhido pelo Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, aquando da sua intervenção na cerimónia da comemoração do 5 de Outubro, no ano de 2007. O Presidente da República propôs um “novo olhar sobre a escola” actual, escola essa ligada à comunidade, ligada às famílias, onde se possam implementar “novas estratégias, conceitos e práticas”, de modo que os pais estejam envolvidos de uma forma mais activa e eficaz, colaborando com os professores, com a escola, pois a falta de participação dos pais na vida das escolas é vista, na maioria das vezes, como uma das razões que conduzem ao insucesso e ao abandono escolar no nosso país.

Verifica-se, pois, a importância destas duas instituições (família e escola), e “é suposto que, em prol de um maior bem-estar das crianças, a família e a escola colaborem harmoniosamente. O seu diálogo deveria ser permanente, aberto e construtivo” (Montadon e Perrenoud, 2001, p. 2). Família e escola são duas entidades que devem percorrer um caminho paralelo, convergindo no sentido de uma “melhoria da qualidade de aprendizagem dos alunos” (Marques, 2001, p. 13). Na opinião de Silva (cit. por Zenhas, 2006, p. 28), existe uma relação directa entre o apoio dos pais à vida escolar dos seus filhos e o sucesso educativo destes, ou seja, os pais ao apoiarem os seus filhos sentem-se mais comprometidos e aumentam as expectativas relativamente ao percurso escolar dos seus educandos; desta forma as crianças aumentam também as suas expectativas, pois melhoram a sua auto-estima e a sua autoconfiança melhorando assim os seus resultados académicos.

Metodologia de investigação

Toda a acção de pesquisa pressupõe à partida a definição de um percurso a trilhar e de linhas de orientação para que o trabalho não seja realizado ao acaso. Desta forma, o investigador para obter o sucesso desejado deve ser capaz de planear e pôr em prática um dispositivo para a elucidação do real, isto é, no seu sentido mais lato, um método de trabalho (Quivy e Campenhoudt, 2003, p. 15).

Segundo os mesmos autores, uma “investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento (...)” (p. 31) que têm como objectivo principal o de esclarecer o modo de obtenção de respostas. Frequentemente estabelece-se uma equivalência entre a metodologia e o conjunto de procedimentos necessários ao apuramento dos objectivos de uma investigação. A metodologia corresponde a um corpo misto de conhecimentos onde se interligam, para além das técnicas próprias de uma disciplina científica ou apropriáveis por ela, elementos teóricos e epistemológicos subjacentes quer aqueles, quer à prática no seu conjunto da investigação disciplinar, de modo a traçar a lógica de aproximação à realidade.

Neste sentido, o presente trabalho propõe-se **identificar e interpretar a opinião acerca da participação dos Pais/Encarregados de Educação na vida escolar dos seus Filhos/Educandos**. O estudo assentou, fundamentalmente, na auscultação das opiniões dos alunos e dos pais/encarregados de educação relativamente ao seu envolvimento e à sua participação na vida escolar, bem como numa exaustiva pesquisa bibliográfica que permitiu estabelecer os conceitos principais da fundamentação teórica, no que diz respeito a esta temática. Trata-se de um estudo de caso, realizado durante o mês de Outubro, Novembro e Dezembro de 2008. O instrumento utilizado para a colheita de dados foi um questionário,

aplicado a uma amostra de 190 Pais/Encarregados de Educação e 259 Alunos de uma Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos, do Distrito de Viseu.

A última etapa do trabalho debruça-se sobre a recolha e tratamento estatístico dos dados recolhidos através do questionário, de modo a serem apresentados os resultados com a consequente análise crítica dos mesmos e as conclusões a reter.

O tratamento estatístico foi realizado através da ajuda do programa estatístico Statistical Package for the Social Sciences (SPSS 16.0).

População e Amostra

O nosso estudo de caso é constituído por 259 pais/encarregados de educação por corresponder ao número de alunos-alvo.

Optámos por fazer chegar os questionários aos inquiridos através dos próprios alunos. A maioria mostrou-se receptiva, colaborando com o seu preenchimento. Houve, no entanto, alguns questionários que não nos foram devolvidos, pois os alunos nem sempre correspondem ao solicitado porque ou não entregam os documentos aos pais ou estes não responderam. Desta forma, dos 259 questionários distribuídos, foram recolhidos 190.

Relativamente aos alunos, os questionários foram distribuídos e recolhidos pelos directores de turma. Estes colaboraram de forma voluntária, e foram aproveitados todos os questionários.

Em termos globais, a amostra é representada por alunos entre os 9 e os 12 anos (65,6%) de idade que são maioritariamente do sexo feminino (52,5%) e frequentam o 2º e 3º ciclos do ensino básico. Apresentam na sua maior parte a mãe como encarregado de educação (84,6%) e têm agregados familiares com um ou mais irmãos.

No seguimento da caracterização da amostra, relativamente ao grupo dos encarregados de educação (190), fez-se a caracterização de acordo com a idade, sexo, habilitações académicas, profissão, grau de parentesco com o Filho/Educando, número de filhos que frequentam a Escola e nível de ensino que frequentam.

A amostra dos encarregados de educação inquiridos caracteriza-se com idades entre os 31 e os 40 (47,4%) e é maioritariamente constituída por mulheres (90%). Na generalidade, as famílias evidenciam uma escolaridade que vai do 2º ciclo ao 3º ciclo (50,1%), poucos apresentam escolaridade superior (7,9%). Quanto às profissões, quase metade da amostra, que são maioritariamente mulheres, referem que não trabalham – domésticas (45,3%). Também se pode constatar que quem assume o acompanhamento escolar dos alunos é, quase na totalidade, a mãe (91,6%). As famílias inquiridas apresentam, ainda, entre 1 a 3 filhos e a maior parte dos educandos frequentam o 2º ciclo (51,1%).

Análise e interpretação dos dados recolhidos

Neste capítulo iremos passar ao tratamento dos dados recolhidos a partir da aplicação do questionário distribuídos aos alunos e aos pais/ encarregados de educação e, simultaneamente, iremos proceder à análise e reflexão dos mesmos.

Nesta análise, vamos tentar recorrer, sempre que nos for possível, ao enquadramento teórico anteriormente tratado, no sentido de termos uma leitura dos dados à luz de perspectivas diferentes e também para dar mais sustentabilidade às conclusões que vamos retirar.

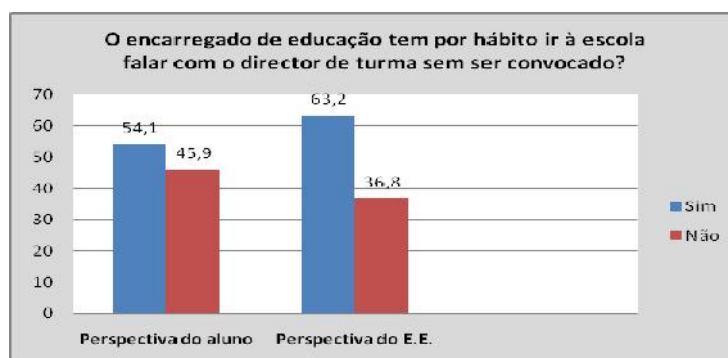
Considerou-se importante conhecer a opinião dos 259 alunos inquiridos, bem como a opinião de todos os pais e encarregados de educação, no que diz respeito à sua participação e envolvimento na vida escolar dos educandos.

Assim, constatou-se que, na opinião dos alunos, 54,1% consideram que os seus Encarregados de Educação vão à escola sem serem convocados para falar com o/a director(a) de turma. Ao longo do ano, 72,6% dos Encarregados de Educação vão entre 1 a 4 vezes à escola; 17,8% vão entre 5 a 8 vezes e apenas 9,6% vão mais de 8 vezes à escola ao longo do ano lectivo.

Os resultados revelam que, dos 190 pais/encarregados de educação envolvidos no estudo, 63,2% afirmam que têm por hábito ir à escola para falar com o/a director(a) de turma sem ser convocado/a. Ao longo do ano, 71,6% dos Encarregados de Educação afirmam que vão entre 1 a 4 vezes à escola; 24,7% vão entre 5 a 8 vezes e apenas 3,7% vão mais de 8 vezes à escola ao longo do ano lectivo.

Fez-se a comparação dos resultados sobre a percepção dos alunos e dos Encarregados de Educação no que diz respeito ao hábito destes irem à escola para falar com o/a director(a) de turma sem ser convocado.

Gráfico 1 – Comparação da percepção dos alunos e dos E.E. sobre o hábito do E.E. ir à escola para falar com o/a director(a) de turma sem ser convocado.



Podemos verificar, através do gráfico 1, que os Encarregados de Educação têm uma perspectiva um pouco diferente da opinião dos alunos. Assim, constata-se que os Encarregados de Educação (63,2%) vão mais vezes à escola do que os alunos pensam (54,1%).

Através do cruzamento dos resultados podemos concluir que a maioria dos pais/encarregados de educação vão à escola pelo menos uma vez por período para tratar de assuntos ligados com a escolaridade dos seus filhos/educandos. Consideramos, no entanto, importante salientar a existência de um grupo significativo de pais/encarregados de educação que se deslocam à escola duas ou mais vezes por período (28,4 %). Este é um dado de extrema importância, atendendo a que os diversos estudos realizados no nosso país tendem a revelar-se no sentido inverso, ou seja, o afastamento das famílias da escola. Segundo o relatório da avaliação externa realizada ao agrupamento de escolas, nos dias 5 a 7 de Novembro de 2008, a "estratégia desenvolvida para envolver os pais na vida escolar revela-se bem sucedida" (p. 10).

Na opinião de Marques (2001), não existem fórmulas *milagrosas* para envolver as famílias na escola, cada uma delas terá de trabalhar no sentido de oferecer um sem número de estratégias diversificadas que se adaptem às necessidades e características de cada um. Quanto maior for o contacto entre a escola e a família, maior será a interacção, o envolvimento entre todos os actores educativos. O envolvimento dos pais/encarregados de educação traduz-se em melhorias significativas tanto para os alunos como para os professores, pois estes sentem que o seu trabalho é reconhecido e apreciado pelos pais. Os pais que colaboram com a escola também usufruem de benefícios, pois sentem-se mais motivados para se envolverem no processo educativo.

Relativamente à opinião que os alunos têm sobre a participação dos Encarregados de Educação na sua vida escolar, constata-se que 78,4% dos alunos consideram que os pais são os principais responsáveis pela educação dos filhos; 45,2% acham que, quanto mais os pais/encarregados de educação se envolvem na vida escolar, mais os filhos se sentem motivados para aprender; 42,5% concordam totalmente com o facto da participação dos pais/encarregados de educação contribuir para o aumento da auto-estima dos alunos; 49,4% pensam que é um contributo para uma melhor relação escola/família; 43,6% dos alunos pensam que melhoram o aproveitamento e o seu comportamento também (45,9%); 43,6% consideram que a participação dos pais/encarregados de educação na escola proporciona um melhor conhecimento dos alunos, por parte dos pais e professores.

Por outro lado, 49,4% dos alunos discordam que os pais/encarregados de educação nada têm a ver com as escolas, pois a formação dos alunos é tarefa dos professores e 52,1% discordam totalmente quanto à participação dos pais não ser aceite pela maioria dos professores da escola.

Na opinião dos alunos sobre a participação dos Encarregados de educação na sua vida escolar, estes consideram que os pais são os principais responsáveis pela sua educação e quanto mais os pais/encarregados de educação se envolvem na sua vida escolar mais eles se sentem motivados para aprender, pois o aumento da sua auto-estima contribui para melhorar o seu aproveitamento. Outros estudos confirmam este dado. Segundo Marques (2001, p. 19), “quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles obtêm melhor aproveitamento escolar.” O contacto dos pais com a escola proporciona um melhor conhecimento dos alunos, por parte dos pais e professores.

Montadon e Perrenoud (2001, p. 159), num estudo efectuado sobre a implicação dos pais no trabalho escolar dos filhos concluíram que a “atitude dos pais relativas ao seu trabalho e o interesse que eles manifestam não podem senão exercer uma influência sobre as suas aprendizagens e os seus resultados”. Segundo os mesmos autores, muitos outros estudos tentam “mostrar que a implicação dos pais na escolaridade do seu filho aumenta a probabilidade de este progredir de uma maneira óptima tanto no domínio das aprendizagens como nas atitudes” (Idem).

Assim, na opinião dos alunos, os pais são importantes para a sua aprendizagem e para o seu progresso escolar. Para que os pais possam desempenhar o seu papel com eficácia necessitam que o professor os informe acerca das competências que o educando deve adquirir em cada momento da aprendizagem. Na opinião de Marques (2001), isto pode ser feito, por exemplo, comunicando aos pais os objectivos de aprendizagem através de uma informação semanal ou mensal, estabelecendo contratos entre aluno/pais/professor, ensinando os pais a importância da monitorização e encorajamento ou reforço dos trabalhos para casa e elaborando actividades de aprendizagem interactivas, onde os pais sejam chamados a participar.

Por este facto, os alunos discordam que os pais/encarregados de educação nada têm a ver com as escolas, pois a formação dos alunos é tarefa dos professores e discordam totalmente quanto à participação dos pais não ser aceite pela maioria dos professores da escola.

Perante os valores apresentados, somos levados a concluir que, na opinião dos alunos a participação dos pais na escola é bem aceite pelos professores.

No que concerne à opinião que os pais/encarregados de educação têm sobre a sua participação na vida escolar dos seus educandos, constatamos que os pais são os principais responsáveis pela educação dos filhos (66,8%); que, quanto mais os pais/encarregados de educação se envolvem na vida escolar mais os filhos se sentem motivados para aprender (47,4%); a participação dos pais/encarregados de educação contribui para o aumento da auto-estima dos alunos (45,8%).

A participação dos Encarregados de educação é um contributo para uma melhor relação escola/família (47,9%); melhora o aproveitamento dos alunos e o seu comportamento (43,2%), além de que também proporciona um melhor conhecimento dos alunos, por parte dos pais e professores (45,3%).

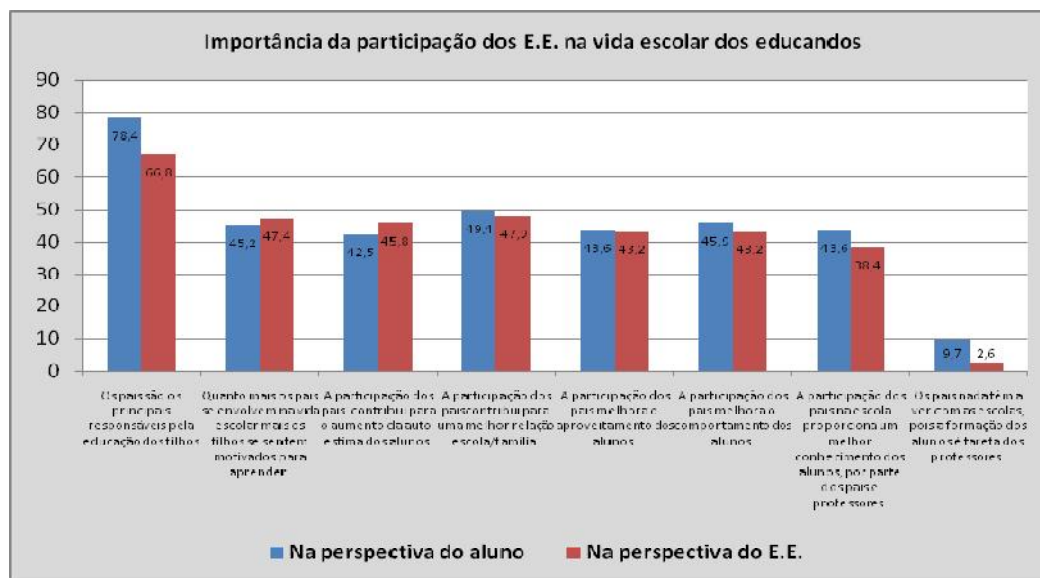
Por outro lado, 42,1% dos E.E. discordam que os pais/encarregados de educação nada têm a ver com as escolas, pois a formação dos alunos é tarefa dos professores e 32,1% discordam totalmente quanto à participação dos pais não ser aceite pela maioria dos professores da escola.

Verificamos que quando os pais se envolvem na escolaridade dos seus filhos/educandos elevam a sua auto-estima e, como consequência disso, os alunos aumentam a sua motivação. Com alunos motivados, aumenta o seu sucesso académico.

Na perspectiva de Lima (2008, p. 212), existem outros estudos que mostram que a “existência de relações cooperativas e positivas entre as escolas e as famílias gera efeitos positivos sobre os resultados educativos atingidos pelos alunos”. Segundo os estudos realizados, as escolas onde os alunos apresentam melhores resultados, estes são atribuídos à colaboração existente entre os professores e os pais.

No gráfico 2 comparamos os resultados dos alunos e dos Encarregados de Educação inquiridos sobre a importância da participação dos pais/encarregados de educação na vida escolar.

Gráfico 2 – Comparação da percepção dos alunos e dos E.E. sobre a importância da participação dos pais/encarregados de educação na vida escolar.



Comparando os resultados dos alunos e dos Encarregados de Educação inquiridos (cf. Gráfico 2) podemos observar que os alunos têm uma melhor perspectiva do que os E.E. relativa ao facto dos pais serem os principais responsáveis pela educação dos filhos.

Verificamos que, tanto uns como os outros consideram que o envolvimento parental produz um aumento da auto-estima dos alunos sentindo-se estes mais motivados para aprender. O envolvimento parental pode constituir uma energia para elevar os resultados dos alunos. Quando os alunos são bem sucedidos na escola, este sucesso pode ser caracterizado, na perspectiva dos alunos, por boas relações entre a família e a escola. Segundo Marujo e Neto (2005), se o ambiente familiar é rico em incentivos, onde se acompanha de forma optimista o percurso escolar dos alunos, os pais servem de modelo aos seus filhos/educandos, querendo estes saber cada vez mais e melhor. Por outro lado, o mesmo acontece se a escola atrair o aluno, pois este ao ser incentivado e valorizado pelos professores terá mais vontade de aprender, aumentando o seu aproveitamento e, conseqüentemente, a sua motivação e a sua auto-estima. Relativamente ao aproveitamento dos alunos, consideramos importante referir as conclusões do relatório da Avaliação Externa do Agrupamento, realizado nos dias 5 a 7 de Novembro de 2008. Assim, no que diz respeito ao sucesso académico dos alunos, nos “últimos três anos, os resultados internos têm-se posicionado acima dos 90% nos três ciclos do ensino básico” (p. 3). Ainda segundo o mesmo relatório, as taxas de sucesso alcançadas nas provas de aferição do 4º e do 6º ano de escolaridade e exames do 9º ano colocam o Agrupamento acima da média nacional. Consideramos pois que os bons resultados obtidos pelos alunos poderão aumentar a percepção destes relativamente ao envolvimento parental, bem como à melhoria da relação escola-família.

Existem outros estudos (Montadon e Perrenoud, 2001, Silva, 2003, Stoer e Silva, 2005, Lima, 2008, Diogo, 2008) que incidem sobre os efeitos do envolvimento parental na escola e no desempenho escolar dos alunos. Como já referimos anteriormente, a maioria aponta para a existência de efeitos positivos nos resultados dos alunos.

Conclusão

O presente estudo teve por intenção mostrar a percepção dos alunos e dos pais/encarregados de educação de uma escola específica sobre o envolvimento e participação na vida escolar.

A utilização do questionário para investigar a percepção dos alunos sobre esta participação proporcionou, sem dúvida, às crianças/jovens uma oportunidade para que as mesmas revelassem factos importantes das suas percepções, pois, com muita facilidade, caracterizaram o seu ponto de vista sobre a participação, relacionando as práticas observadas e/ou vivenciadas no seu quotidiano familiar e escolar.

Para esta amostra, pode inferir-se que a idade dos alunos não é um factor que faz variar de forma significativa a opinião que têm sobre o índice de participação. Isto significa que, tanto os alunos mais novos como os alunos mais velhos, têm percepções semelhantes no que diz respeito à participação dos seus pais/encarregados de educação na sua vida escolar. No entanto, o género parece constituir um factor que faz variar de forma significativa essa opinião, sendo que as raparigas têm uma opinião mais positiva do que os rapazes, quanto à participação dos seus pais/encarregados de educação. Segundo Diogo (2008) têm-se verificado mudanças que aumentam a aposta feminina na carreira escolar, provavelmente aumentam também a sua percepção relativamente ao envolvimento e participação dos seus pais/encarregados de educação. Segundo a mesma autora, os estudos realizados mostram a “sensibilidade das raparigas ao contexto escolar.” (p. 228).

Também a escolaridade surge como factor influenciador da opinião dos alunos, evidenciando-se que os Encarregados de Educação do 7º ano de escolaridade parecem ser aqueles que mais participam nas actividades escolares dos educandos.

A totalidade dos E.E. considera pertinente acompanhar os seus educandos proporcionando-lhes um ambiente tranquilo e confortável; verificarem os trabalhos de casa, o estado do material escolar, bem como a supervisão das horas de descanso.

No que concerne à análise e comparação entre os grupos de idade pode observar-se que o nível etário não interfere significativamente com o índice de participação dos Encarregados de educação na vida escolar dos educandos.

Relativamente à análise e comparação entre os géneros pode observar-se que os Encarregados de Educação com maior participação são aqueles que pertencem ao sexo feminino. Verificamos que são as mães que demonstram uma maior ligação à escola e à educação escolar dos seus filhos. Ainda segundo Faria (2007, p.123), as mães são “interlocutoras privilegiadas entre a família e a escola”. Num estudo mais recente, Diogo refere que “são as mães que asseguram o acompanhamento da escolaridade dos seus filhos” (2008, p. 75), pois são elas que asseguram o contacto com a escola. São elas que vão à escola de uma forma mais assídua para participar em reuniões e/ou entrevistas com o director de turma, no sentido de um maior acompanhamento dos seus filhos/educandos.

Quanto à análise e comparação entre os grupos de habilitações académicas pode observar-se que os Encarregados de Educação com um maior índice de participação apresentam uma escolaridade baixa ou seja, até à escolaridade obrigatória. Podemos concluir que neste estudo, os pais/encarregados de educação com menor formação académica têm um índice de participação mais elevado. Este resultado mostra-nos que as habilitações académicas dos pais/encarregados de educação não interferem com o seu envolvimento e participação na vida

escolar dos seus filhos/educandos. Parafraseando Diogo (2008, p. 37), a "investigação tem verificado uma difusão generalizada das aspirações escolares das famílias em todos os grupos sociais".

No que diz respeito à disposição para participar, percebe-se que na visão dos pais e alunos o processo participativo é considerado bom, sem contudo significar amplo envolvimento dos actores quer a nível do concreto quer a nível da gestão e organização. Esse facto em relação ao processo participativo demonstra um comportamento cauteloso dos mesmos, caracterizando um tipo de participação reservada, uma vez que não demonstram desinteresse mas também não privilegiam a possibilidade de participar.

Os alunos devem tirar o máximo de partido do tempo que passam na escola, com os colegas, professores e que o façam de forma responsável sentindo que têm o apoio que os pais/encarregados de educação podem dar.

Bibliografia

Diogo, A. M. (1998). *Famílias e Escolaridade. Representações parentais da escolaridade, classe social e dinâmica familiar*. Lisboa: Edições Colibri.

Faria, S. (2007). O envolvimento familiar no processo de decisão dos jovens à saída do 9º ano.

Guerra, M. A. S. (2000). *A Escola que Aprende*. Porto: Edições Asa.

Lima, J. A. (2008). *Em busca da boa escola*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Lima, J.A. (Org), (2002). *Pais e Professores, Um Desafio à Cooperação*. Porto: Edições Asa.

Magalhães, G. M., (2007). *Modelo de Colaboração Jardim-de-infância/Família*. Lisboa: Instituto Piaget.

Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.

Marujo, H. A., Neto, M. L., e Perloiro M. F. (2005). *A Família e o sucesso escolar*. Lisboa: Editorial Presença.

Montadon, C. e Philippe P. (2001). *Entre Pais e Professores, Um diálogo impossível? Para uma análise Sociológica das interações entre a família e a escola*. Oeiras: Celta Editores.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Sarmento, T. e Marques, J. (2007). A participação das crianças nas práticas de relação das famílias com as escolas. Silva, P. (Org.), *Escolas, Famílias e Lares - um caleidoscópio de olhares*, Cap. 3, pp.67-89. Porto: Profedições.

Sarmento, T. e Marques, J. (Coords) e al. (2002). *A Escola e os Pais*, IEC – UM: CESC.

Stoer, S.R. e Silva, P. (orgs.) (2005). *Escola-Família – Uma relação em processo de reconfiguração*. Porto: Porto Editora.

Zenhas, A. (2006). *O Papel do director de Turma na Colaboração Escola – Família*. Porto: Porto Editora.

Avaliação Externa das Escolas (2008) Relatório de escola. Inspeção-geral da Educação.

www.ige.min-edu.pt

Silva, A.C. (2007). *Novo olhar sobre a escola*.

<http://paralelo40.blog.com/>